

O HOMEM E A VOLATILIDADE – UMA REFLEXÃO DIALÉTICA

Lendo nos últimos jornais e revistas os elogios que ainda são muitos e que continuam sendo publicados nos meios de comunicação do mundo inteiro, percebo, como todos os mortais, a força extraordinária da comunicação. Seu poder de persuasão alçou do desconhecimento do mundo, um homem, e o transformou numa esperança que surge como fenômeno que corrói, desgasta e ameaça o capitalismo até então o maior poder do universo.

É tão grande o poder, que com facilidade quase imperceptível é capaz de transformar em verdade, o que em nada tem de semelhança com a realidade. Ela é capaz de transformar a fragilidade de um homem, em fortaleza intransponível. De fazer de um monstro odioso e incapaz, uma figura dócil e aceita. Mas, do mesmo modo, reduzir uma sólida construção em pequenos e até desconhecidos pedaços desconjuntados. É a vida sem princípios éticos que atrai e até facilita a ascensão de muitos destiladores da inveja, da calúnia e da insensatez, em cujas mãos pode estar uma temível capacidade de destruir pessoas. Mas, por outro lado, a temível e poderosa arma, poderá chegar ao poder de pessoas capazes de construir o bem, de descobrir valores, de alçar esperanças.

Esta é a dialética do mundo dos humanos. Os contrastes que servem à desconstrução, são os mesmos construtores de uma verdade oposta. Aquilo que antes era aceito como apanágio das virtudes, é apontado agora como razão da desqualificação. “O que é o homem?” Responde o próprio Cristo em seus princípios de fé cristã: “É como o vapor que sobe e desaparece”. É volátil, é inconsistente e confunde-se na grandeza do nada. Nisso recordo também o que ressalta a Bíblia: “Tu és pó”.

A multidão incontável dos que erguem os braços com bandeirolas coloridas, é a mesma que levanta as faixas de repulsa e de gritos ameaçadores. As vozes altissonantes que cantam aprovação, pertencem aos que amanhã poderão, com o mesmo vigor, explodir em palavras de repulsa. “Queremos Barrabas!” Vociferava a multidão que antes cantara aleluia. Assim somos todos levados pelas incongruências da nossa forte fragilidade. E da nossa volatilidade.

“As mãos que afagam são as mesmas que apedrejam”. As que acolhem são as que rejeitam. “Miserável homem que sou, o mal que não quero, esse pratico”. Reconhecia o Apóstolo Paulo. Como somos frágeis quando pensamos que somos poderosos. Mas como nos sentimos fortalecidos quando reconhecemos a nossa fraqueza. Somos fortes quando sentimos a fragilidade das nossas próprias forças. A nossa volatilidade pode transformar-se na eternização da sabedoria. O conhecimento e o saber eternizam enquanto a estultícia provoca o esquecimento como escrito no Evangelho de João 6.68 “Para onde iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna”. As palavras de sabedoria permanecem para sempre.

Aos meus ilustres colegas conselheiros uma reflexão de devaneio para a caminhada de 2009. Um olhar introspectivo. *Archimedes Maranhão* Curitiba, 5 de fevereiro de 2009